

O LONGO RETORNO DE RON WOODCOCK

JOSEPH P. BLANK

RONALD WOODCOCK sentou-se no tronco de uma árvore caída, fixou os olhos no chão e tentou concentrar-se. Estava perdido na floresta densa do Noroeste da Colúmbia Britânica. Anotou o dia num calendário que trazia na mochila: «5 de junho de 1971».

Não estava preocupado consigo mesmo. Sentia-se à vontade na mata e achava que teria tempo de sobra para localizar a cabana que



Tinha duas certezas: estava perdido nos vastos ermos da Colúmbia Britânica e a civilização se encontrava em algum lugar para o sul. E, assim, pôs-se a andar...

vinha utilizando. Era a sua família que o preocupava: estava sem contato com eles havia 40 dias. Sua mulher e seis filhos estavam vivendo numa casa alugada em Endako, a mais de 300 quilômetros em linha reta para o sul. No mês de fevereiro anterior, a sua própria casa e todos os seus pertences haviam sido destruídos por um incêndio, e não tinha seguro. Finan-

ceiramente, fora um desastre. Por isso tinha vindo para o mato. O que ganhava no seu emprego de ferroviário não bastava, e conseguira uma licença para ir à caça do castor. Uma boa pele valia 20 dólares; no fim de abril, ele voara para o Lago Damdochax, combinando com o piloto Bill Jenkins para vir buscá-lo daí a oito semanas.

Aos 48 anos, Woodcock tinha os cabelos castanhos, olhos azuis,

A caça decorreu sem problemas e Woodcock juntou mais de 50 peles nas primeiras três semanas. Em 31 de maio, saiu da cabana para ir buscar umas peles que guardara 30 quilômetros ao norte. Usava botas de borracha, uma camisa de lã e um casaco leve. Sua mochila, pesando cerca de 15 quilos, continha um saco de dormir, um machado, alimento, um rifle e 15 cargas de munição.



um camarada forte, de 77 quilos. Essa era a sua terceira viagem ao mato, nesses 10 anos, e ele gostava daquilo. Muitas vezes pensava: «Se conseguisse achar um meio de trazer a família comigo, passaria a vida aqui. Fica-se em paz, sem patrão. Há bastante caça e pesca. Está-se num mundo que se vai criando para si próprio e não existe nenhum outro.»

Subiu pelo riacho Slowmaldo até ao Passo de Groundhog, onde encontrou suas peles e passou vários dias tratando delas. Em seguida, juntou metade das peles, num fardo de 30 quilos, e a comida para três dias que ainda lhe restava. Devido ao peso que carregava, resolveu procurar um atalho mais curto para voltar ao Slowmaldo.

Depois de seis horas de marcha

forçada em direção ao sul, através de vegetação cerrada, encontrou um riacho alimentado por várias represas feitas por castores que lhe eram desconhecidas — e de onde avistava uma estranha e impressionante cadeia de montanhas. Durante um longo momento ficou hipnotizado pela beleza do panorama. Depois, sentando-se, percebeu que o mesmo que se passara tão subitamente com outros homens no mato lhe acontecia agora. Estava perdido. Não tinha como saber se o riacho Slowmaldo ficava a leste ou a oeste. Nesta terra de depósitos minerais inexplorados, achou que sua bússola podia não funcionar. Não conseguiria voltar a trás, pois não deixara nenhum rasto. O melhor a fazer, raciocinou, era descer o curso daquele riacho desconhecido rumo sul. Era possível que o levasse até algum rio ou região que lhe fossem familiares. Além disso, ao sul, a 200 quilômetros em linha reta, ficava Hazelton, a cidade mais próximo.

Woodcock marchou ao longo do riacho, sempre carregando as pesadas peles de castor. Cada passo era um sacrifício. As margens do riacho eram cobertas de vegetação tão densa que não havia uma picada por onde seguir. Tinha de constantemente subir e descer montes lutando para vencer o mato; pior ainda eram os intermináveis obstáculos de árvores mortas derrubadas pelo vento, acumuladas durante anos, algumas vezes fazendo montes de quase oito metros de altura.

Na noite do segundo dia, com muita relutância, Woodcock abandonou suas peles. Cozinhou um punhado de arroz e meteu-se no saco de dormir. Deitado, desperto, compreendeu que estava em perigo; outros na sua situação, ele sabia, haviam entrado em pânico, acabaram exaustos e não conseguiram sobreviver. Isso não haveria de lhe acontecer. Resolveu regular sua marcha e agir com extrema cautela. *Haveria* de chegar, por mais que demorasse.

Embora continuasse andando cerca de 13 horas por dia, parava sempre quando se sentia cansado, para não se desgastar demais. Dividiu a comida parcimoniosamente, sempre atento à caça. Matou uma marmota e um galo selvagem e, no décimo dia, pegou um alce. Passou o dia seguinte preparando um dos quartos traseiros do animal e cozinhando uns 10 quilos de carne para levar consigo na viagem.

Cerca das seis da tarde, naquele dia, quando se preparava para acampar, viu um imenso urso pardo aproximar-se da carcaça do alce. Embora estivesse a 30 metros de distância e contra o vento, sabia que não podia deixar de matar o urso. «O animal tinha mais de 2,5 m de altura e pesava uns 450 quilos», lembra Woodcock. «Esses ursos ficam muito agitados na primavera e atacam facilmente. Não podia dormir com ele solto ali por perto.»

O primeiro tiro atravessou o pescoço do urso e foi localizar-se

na sua coluna vertebral, paralisando-o. Para não desperdiçar mais uma bala, esperou que o animal ferido morresse. Finalmente, ao escurecer, liquidou-o com um segundo tiro.

No 14.º dia, o caminho de Woodcock de volta à casa foi bloqueado por um rio gelado muito largo e fundo demais para vadear. Desviou para oeste durante um dia, até dar com um riacho de violenta correnteza. Abateu duas árvores de 12 metros sobre a água, mas a corrente arrastou as duas. Bloqueado agora para sul e para oeste, tomou o rumo norte, ao longo do riacho, na esperança de que estreitasse o suficiente para poder atravessá-lo.

Na noite do 15.º dia, desabou uma tempestade. O vento uivava, as árvores eram derrubadas e a chuva fustigava com violência. Construiu um abrigo e um «colchão» com galhos e folhas silvestres. Durante dois dias, enquanto rugiu a tormenta, deixou-se ficar imóvel, dentro do saco de campanha. Pensava na família e no que haveria de pensar e fazer o piloto Bill Jenkins quando voltasse para buscá-lo na cabana do Lago Damdochax e não encontrasse ninguém.

(De fato, o piloto voltou. Alarmado pela ausência de Woodcock, deu busca na área durante dois dias, foi para casa e tornou a voltar, com o irmão e o cunhado de Woodcock. Em quatro dias, só conseguiram encontrar uma canoa virada num lugar em que o lago

desaguava num riacho. Concluíram que Woodcock estaria na canoa quando ela virara e que morreria afogado.)

Por volta do 25.º dia, Woodcock comeu o resto do que trazia consigo. O esforço que despendera até então já lhe havia custado cerca de 10 quilos. «Tenho de comer o que encontrar», pensou ele, «mas tenha cuidado, não vá ficar doente.» Experimentou um capim tenro que já vira vacas comendo. Amoras silvestres, que os alces comiam, tinham um travo terrível, mas ele imaginava que fossem nutritivas.

Certa manhã, quando se arrastava por entre a vegetação, avistou de repente um poste meio podre — um poste telegráfico! Sabia que tinha encontrado por acaso a antiga linha telefônica, instalada naqueles ermos por expedições enviadas pelo governo nos fins do século XIX e que fora abandonada já há muitas décadas. Se pudesse seguir os vestígios daquela trilha, um poste aqui, outro ali, um pedaço de fio ainda pregado numa árvore — acabaria em Hazelton.

Embora a trilha estivesse agora quase encoberta, havia sido percorrida durante anos por homens e animais. Woodcock cortou um galho para servir-lhe de cajado. Batendo-o de leve no chão, podia diferenciar a terra sólida e compacta do antigo caminho do terreno virgem e mole de ambos os lados.

Sua odisséia se transformou então numa procura dramática, passo a passo, sondando a terra e procurando

velhos postes e pedaços de fio. Frequentemente perdia a trilha, escondida sob 30 centímetros de musgo, mato fechado e árvores. Tinha de contornar pântanos e renques de salgueiros impenetráveis. Quando perdia a trilha, zigzagueava pacientemente para leste e para oeste, ficando nisso às vezes durante dias, até encontrá-la novamente. Cada movimento era uma luta. Num período de duas semanas, calculou que não progredira mais de 30 quilômetros.

Por volta do 43.º dia, sua resistência começou a ceder e ele não conseguia manter-se de pé mais que seis ou sete horas por dia. Desde o 25.º dia, só se alimentava de frutinhas silvestres e folhas. O cinto não segurava mais as calças esfarrapadas, e ele teve de improvisar um suspensório com a bandoleira da espingarda. Subindo ladeiras, tinha de parar a cada três ou quatro passos, e cada vez mais se apoiava no rifle e no cajado para andar. A sola de uma das botas despreendeu-se, e ele amarrou-a com um pedaço de cordão da mochila. Os espinhos e galhos ásperos da vegetação rasgavam-lhe a roupa aos poucos. Os mosquitos faziam-lhe a testa em carne viva e sangrenta. Não encontrava nada para comer, exceto frutos silvestres com grossas sementes, que se fixavam nos seus intestinos e faziam-no dobrar-se de cólicas, como se fossem choques elétricos.

No que ele imaginava que fosse o 50.º dia, estava deitado no chão,

arquejante e torcendo-se de dores. «Talvez seja hora de entregar os pontos», pensou. Mas não era isto que ele queria; queria ver sua família. «Descanse um pouco», disse a si próprio. «Não terá muito mais que andar.» Em algum lugar, mais adiante, deveria ficar a estrada de terra batida que o levaria a Hazelton.

Levantou-se e saiu cambaleando. As pernas pareciam-lhe sem ossos, de borracha. Tinha de semicerrar os olhos para poder enxergar. A saliva engrossava na sua boca e na garganta, e ele sentia-se sufocar quando procurava removê-la com os dedos. A cada nova encosta, tinha certeza de que não lhe seria possível subir, mas, de alguma maneira, acabava por fazê-lo. Teria de vencer nos próximos dois dias, pois não sobreviveria ao terceiro. Porém, mesmo naquelas condições, não se deixou levar por pensamentos desesperados.

De súbito, por volta do meio-dia do 57.º dia, viu-se em terreno limpo, numa estrada — a de terra batida que ia para Hazelton! Tudo em volta dele ondulava como se estivesse nadando. Tentou firmar os joelhos para não vergarem.

Um carro aproximou-se. Os dois homens que vinham nele, ainda absortos por uma tarde de pesca, olharam para aquele sarnento espantoso de ser humano e passaram por ele. Uns 50 metros adiante, o carro parou e recuou. Woodcock foi cambaleando na sua direção. Abriu a boca, mas não conseguiu emitir qualquer som. Fracamente,

gesticulou pedindo papel e lápis. «Preciso água», rabiscou com dificuldade. Um dos homens abriu uma garrafa de cerveja. Ele conseguiu lentamente fazê-la passar através da saliva que lhe entupia a boca. Depois escreveu: «Se não for muito trabalho, por favor, levem-me à casa de minha mãe em Hazelton.» A casa dela era a mais próxima. Os dois ajudaram-no a instalar-se no assento traseiro. Sua cabeça rodava. Teve uma ligeira sensação de alívio e satisfação. Vencera. Os pescadores levaram-no até à porta da casa de sua mãe. Esta não conseguia acreditar na aparição diante dos olhos. O rosto de Woodcock estava macilento sob oito centímetros de barba. Seus olhos estavam vidrados. Perdera 30 dos seus 77 quilos. Os rasgões nas calças deixavam entrever coxas que mais pareciam pedaços brancos de pau.

Ficou duas semanas no hospital, para tratamento de subnutrição e desordens intestinais. Levou mais dois meses para recuperar sua força e saúde. No hospital, três dias se passaram até que pudesse sequer sussurrar qualquer coisa. Sua mulher sentou-se ao lado da cama e nada perguntou. Ao fim de quatro dias, os sentidos de Woodcock começaram a emergir. Quando os amigos lhe faziam perguntas sobre suas experiências, começava a murmurar os detalhes, e as lágrimas punham-se a correr sem que ele próprio percebesse que estava chorando. As visitas não compreendiam suas lágrimas. Ele não podia explicar-lhes a grande aventura que acabara de viver e que lhe dera uma convicção que todos os seres humanos buscam: a de que teria a coragem de enfrentar qualquer teste a que a vida o submetesse.



DECLARANDO POR conta própria guerra à poluição do ar e aos cigarros, um dentista pôs o seguinte aviso na sua sala de espera: *Não fumar. Oxigênio em uso.*

Cientes da combustibilidade do oxigênio puro, seus clientes aceitavam a ordem sem discutir. Poucos dentre eles descobriram que «oxigênio em uso» era aquela substância comum que respiravam enquanto aguardavam a vez.

— J. S. Z.



MINHA neta de nove anos, que sonha ser escritora, pediu-me que corrigisse uma composição sua. Pouco tive a alterar, mas expliquei-lhe que, para ser uma grande escritora, ela precisava de evitar a repetição da mesma palavra numa frase, e, se lhe fosse possível, substituí-la por um sinônimo. Ela seguiu o meu conselho tão à risca que, dias mais tarde, trouxe para casa um desenho que fizera no colégio, onde se lia: «Lar Doce Casa».

— C. W. H.